



Heranças da África, vivências no Brasil: Bilina de Laranjeiras

Beatriz Góis Dantas



Edição comemorativa em homenagem a Mãe Bilina
de Laranjeiras/SE nos 50 anos da sua morte



Heranças da África, vivências no Brasil:

Bilina de Laranjeiras

Beatriz Góis Dantas



**Edição comemorativa em homenagem
a Mãe Bilina de Laranjeiras/SE nos 50 anos da sua morte**

Copyright 2024 by Beatriz Góis Dantas

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação.

A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

Editoração Eletrônica
Adilma Menezes

Revisão
Sílvia Góis Dantas

Tratamento de imagens
Lúcia Andrade

D192h Dantas, Beatriz Góis

Heranças da África, vivências no Brasil: Bilina de Laranjeiras. Edição comemorativa em homenagem a Mãe Bilina de Laranjeiras/SE nos 50 anos da sua morte / Beatriz Góis Dantas. – 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2024.

68p.; fotografias
ISBN 978-85-8413-544-8

1. Cultura afro-brasileira. 2. História - Laranjeiras (SE). 3. Bilina. 4. Taieira. 5. Nagô. I. Título. II. Assunto. III. Beatriz Góis Dantas

CDD 920
CDU 929

OFERECIMENTO

À Irmandade de Santa Bárbara Virgem, atualmente dirigida por Bárbara Cristina, continuadora da tradição Nagô implantada em Laranjeiras pelos africanos Henrique e Herculano, predecessores de Bilina.

Aos brincantes da Taieira, atualmente coordenada por Maria do Espírito Santo (Ciza), pelo empenho em continuar a herança de Calu deixada para sua filha Bilina.

A Jairo Andrade (*in memoriam*), que, na condição de fotógrafo da Universidade Federal de Sergipe, acompanhou-me e registrou imagens de algumas das minhas pesquisas.



AGRADECIMENTOS

A Bárbara Cristina e Maria do Espírito Santo (Ciza), líderes do Nagô e da Taieira, pela interlocução e apoio em comemorar o cinquentenário da morte de Bilina.

A Verônica Nunes, antiga parceira de trabalhos em Laranjeiras, admiradora de Bilina, que aceitou meu convite para compartilhar seu depoimento sobre as exposições realizadas sobre ela.

À memória de Lineu Lins de Carvalho, Jairo Andrade e Roberto Benjamin, pelo legado de belas fotos incorporadas neste catálogo.

A Ana Marinho, Jaci Rosa Cruz, Rita Simone e Valéria Bonini, pelas generosas sugestões durante o processo que culminou com essa publicação.

A Ibarê, companheiro de vida que, ao longo dos últimos 60 anos, tem sido o primeiro leitor do que escrevo e, com suas pertinentes críticas e sugestões, me ajudou a crescer, animando-me a publicar o que está na gaveta.

A Sílvia, minha filha temporã, que, com alegria, entusiasmo e persistência, me instiga a revisar meus arquivos e dar publicidade a velhos trabalhos sobre os quais se debruça com competência e generosidade, preparando-os para edição. Junta-se a Adilma, da Criação Editora, amiga de muitos predicados, e trazem a lume mais este livro que entrego ao público com honras a Bilina de Laranjeiras.

PREFÁCIO

Silvia Góis Dantas

Eu ainda não existia quando a maioria das fotos que compõem esse catálogo foram feitas. Fui testemunha da pesquisadora/fotógrafa, minha mãe, em campo nos anos 1980. Na minha tenra infância, via-a sair de casa carregada com um gravador e uma máquina de fotografar modelo Yashica, pesada. Hoje um artigo raro.

Lembro especialmente dessa máquina e do ar de raridade que acompanhava as fotos. Envolveia o alto preço da revelação, o perigo de perder tudo ao remover o filme incorretamente e a demora em ver o resultado do clique – algo impensável para a geração que cresceu entre smartphones e a infinita proliferação de imagens digitais a cada segundo. O ato de fazer a foto era tido mais como registro de um tempo, ligado à memória, bem diferente do ver e ser visto das redes sociais do presente, como o Instagram, quando o regime de visibilidade marcado pela efemeridade e urgência nos alçou a todos objetos de curtidas e comentários na rede.

Nesse sentido, vejo as gerações se sucedendo com formas distintas de lidar com as fotografias e o ato de fazê-las. Lá pelos quatro anos de idade, minha sobrinha nascida em 2005 posava para a foto e corria para conferir sua imagem já congelada no visor da máquina digital, que representava uma grande evolução. Mais recentemente, outra sobrinha também com quatro anos, mas esta nascida no famigerado 2020, age de forma ainda mais fascinante: com o celular da mãe em mãos, sai ela mesma fazendo fotos e – o que mais me impressiona – com bons enquadramentos. Tudo isso não é simples relato de uma tia coruja a observar as sobrinhas que vão se enfileirando, mas sim a constatação de que as evoluções tecnológicas seguem sempre acompanhadas de alterações comportamentais, sociais e culturais.

Mudam as tecnologias, as maneiras de lidar com a imagem, mas é preciso ter em mente o sentido de preservação de um momento, de manutenção da memória de pessoas e formas de ser e estar no mundo. Nesse sentido, as fotos deste catálogo revestem-se de uma preciosidade ainda maior. Bilina faleceu em 1974, há 50 anos exatos. Mas quando criança, de tanto ouvir minha mãe falar na pesquisa, Bilina passou a existir na minha mente. Até que vi uma dessas fotos que agora temos à mão. E então Bilina materializou-se com seus rituais e sua riqueza cultural. Tornou-se mais real, embora distante.

Tudo isso só foi possível graças à grande organização de minha mãe. Sou testemunha do trabalho incessante de manter um grande acervo com registros valiosos, dentre os quais essas fotos transformadas em catálogo, a partir de um penoso processo de seleção. Feitas por ela e por outros fotógrafos, como explicado no texto de Apresentação, as imagens dão mostra dos processos de revelação da sua época, visto que foi a partir das fotos impressas que se deu a reprodução para esta publicação. Mais do que isso, revelam a força de Bilina da Taieira e do Nagô, sua liderança e a grande confiança depositada na pesquisadora, sugerindo inclusive – depois da publicação do livro sobre a *Taieira de Sergipe* – que estudasse também o Nagô, que gerou o hoje clássico *Vovó Nagô e Papai Branco*.

Apesar do tratamento digital, procurou-se manter as marcas do tempo, exato meio século depois, uma vez que se há uma missão encampada pela pesquisadora, da qual tenho o privilégio de ser filha, é a busca incessante da preservação e valorização da memória, em tempos de práticas cada vez mais fugazes. O futuro agradece.

SUMÁRIO



Oferecimento	3
Agradecimento	4
Prefácio	5
Apresentação	9
Bilina por ela mesma	12
Bilina de Laranjeiras: heranças da África, vivências no Brasil	15
As exposições de D. Bilina	27
Fotoetnografia da Taieira	31
Fotoetnografia do Nagô	49
A autora	68

APRESENTAÇÃO

Beatriz Góis Dantas

Este livro traz a marca da gratidão e do reconhecimento. Ele é uma homenagem a Bilina de Laranjeiras, uma mãe de santo, termo que entre nós designa dirigente feminina de unidades de culto afro-brasileiro. Nesta função, ela se aut nomeava *Alôxa* ou *Lôxa*, forma abreviada de Yalorixá, termo iorubá com que se designam as sacerdotisas do Nagô. O título pouco importa. Mesmo porque também era conhecida como a dona da Taieira, ou seja, dirigente de um grupo de louvação a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que se apresentava todos os anos, conduzindo rainhas para serem coroadas pelo padre após a solene missa da festa de Reis naquela cidade.

Bilina foi uma mulher negra que morreu em 1974, portanto há 50 anos. Ela marcou profundamente minha vida de pesquisadora e o cenário cultural de Laranjeiras. Mais que isso, projetou o nome de Sergipe no plano nacional pelo muito que fez na preservação de tradições africanas reinterpretadas no Brasil à luz das suas vivências e dos contextos sociais do seu tempo.

Depois de ter escrito e publicado algumas obras sobre os seus fazeres e sua história de vida, elegi as fotos para fazer-lhe essa homenagem, utilizando imagens produzidas por mim e sobretudo por dois fotógrafos profissionais de méritos reconhecidos. Acho que vale a pena esclarecer um pouco dessa ousadia de misturar o produto do trabalho de especialistas afamados com fotos tiradas por uma amadora que se iniciava em pesquisa.

No final dos anos 60, descobri em Laranjeiras uma multiplicidade de expressões culturais reunindo música vocal e instrumental, danças, dramatizações, cortejos, envolvendo personagens diversas com seus trajes e adereços coloridos. Realizadas em diversos espaços com diferentes objetivos e atraindo público variado, eram genericamente reunidas sob a denominação de folguedos. Decidi-me a pesquisá-las inspirada nos estudos de Folclore, mas guiada também por métodos da Antropologia e da História.

A fotografia, preconizada desde os trabalhos pioneiros do antropólogo Malinovsky, se colocou ao lado das entrevistas, das gravações de sons, da observação participante e das anotações escritas que mais tarde subsidiariam as descrições etnográficas que viriam a ser publicadas. Embora as fotos tivessem um valor documental, naquele momento eram vistas sobretudo como um rico instrumento da pesquisa, que em um clique registravam muitos detalhes. Desde cores, disposição, deslocamento, expressão facial dos dançarinos, vestes e adornos, decoração do espaço, formato dos objetos, enfim, uma multiplicidade de aspectos impossíveis de se captar ao mesmo tempo só pelo olhar. As imagens congeladas ativavam a memória das cenas presenciadas, esclareciam dúvidas, enriqueciam as descrições e ainda poderiam ser utilizadas para ilustrar os trabalhos que viessem a ser publicados.

Aqui o primeiro desencanto. Quando mandei os originais do livro sobre a Taieira para a editora, logo veio a informação de que as fotos coloridas que eu tirara com tanto esforço – equilibrando gravador de um lado, sacola com cadernos e demais apetrechos de outro, a máquina fotográfica pendurada no pescoço –, não tinham qualidade para serem publicadas. Recorri a Lineu Lins, cujas lentes especializadas e talento de artista produziram imagens fabulosas dos nossos folguedos populares, e comprei algumas dessas fotos com que foi lindamente ilustrada a primeira edição do meu livro inaugural, *A Taieira de Sergipe*.

Com a continuidade das pesquisas, dei-me conta da necessidade de trabalhar com especialista e passei a ter a companhia de Jairo Andrade, fotógrafo da Universidade Federal de Sergipe, que fez os registros fotográficos do Nagô. Nem sempre podia contar com sua presença e continuava me aventurando nas fotografias, pois a intimidade gerada ao longo da pesquisa fazia-me intuir momentos importantes para registros especiais. É uma pequena parte desse material fotográfico produzido nos últimos anos de vida de Bilina que vem a lume nesta edição.

Os avanços tecnológicos no tratamento digital de imagens permitiram-me incorporar a este trabalho as minhas fotos tiradas na primeira apresentação que vi da Taieira, em janeiro de 1970, captando momentos significativos do ritual que se desnudava ante meu olhar guiado pelas informações colhidas de antemão através das entrevistas. Elas têm, pois, a magia da primeira vez que vi Bilina conduzindo sua Taieira pelas ruas de Laranjeiras no dia de Reis de 1970.

Passando ao largo das discussões teóricas sobre o estatuto da fotografia nas ciências sociais, reflexões que se aprofundam a partir dos anos 80, a minha intenção é trazer a público esses registros de pesquisa e da minha relação com Bilina, homenageando-a com uma fotoetnografia da Taieira e do Nagô.

Alguns textos precedem as fotos.

O primeiro é uma transcrição de curtas falas de Bilina selecionadas das suas entrevistas, que intitulei de “Bilina por ela mesma”. Os outros dois são escritos que rememoram situações vividas por duas pesquisadoras que guardam em suas vidas as marcas de sua presença.

A museóloga Verônica Nunes é autora de curto e instigante texto – “As exposições sobre D. Bilina” – em que rememora mostras sobre o Nagô e a Taieira realizadas na década de 1980 e em 2002, incluídas nas atividades museológicas da Universidade Federal de Sergipe, objetivando levar ao público parte do conhecimento nela produzido.

O texto de minha autoria – “Bilina de Laranjeiras: heranças da África, vivências no Brasil” – resume a trajetória da homenageada no seu empenho em dar continuidade às heranças ancestrais e a relação de confiança estabelecida com esta pesquisadora, o que tornou possível realizar os registros com uso de várias técnicas, inclusive as fotografias divulgadas nesta publicação.

Ao expressar a minha gratidão a Bilina, desejo aos leitores boa fruição desse trabalho.

Aracaju, agosto de 2024.



BILINA POR ELA MESMA

.....

Excertos de algumas falas durante entrevistas
realizadas por Beatriz Góis Dantas entre 1969 e 1973

PREDESTINAÇÃO

Já nasci pra ser dona das colônias de Santa Bárbara pela África. Quando se acabasse os africanos eu era a dona. Quando eu era pequena eles botava eu na cabeça dentro dum cesto e saía dançando na roda. Isto era lá na casa de Ti Herculano, que o terreiro era lá. Eu não me lembro disto. Eu era pequena. Vovó era quem contava.

Ti Herculano era um nagô, mas o primeiro beg, o fundador mesmo do terreiro dos nagô aqui em Laranjeiras, foi Ti Henrique. De Ti Henrique passou prá Herculano, e dele pra eu. Quer dizer que eu não sou africana, já sou neta. Neta de quatro avó africano nagô. Sou crioula legítima.

VOVÓ NAGÔ E A VISÃO DA ÁFRICA

Vovó me falava muito da terra. Contava as histórias de lá. A África é grande. Tem muito lugar e muitos povos diferentes: Nagô, malê, jeje, jexá, congo. Era tudo da África [...]. A África é grande e rica. Buzo, inhame e essas coisas tudo do Brasil era de lá. E os africanos sabia onde tinha pérola, ouro. E quem sabia e descobria essas coisas era na África. Por que é que não tem mais ouro como tinha? Porque quem descobria tudo era os africanos. Pérola, ouro, diamante, tudo eles sabia. Era povo que tinha muito ouro. Esses buzo da costa lá é dinheiro... Lá eles trabalhavam. Era povo de dinheiro. Trabalhava até com os filhos nas costa, trabalhando, fazendo dinheiro. Não era povo de se encostar. Tudo velhinho mas trabalhando...



PAPAI BRANCO

Mamãe morava na casa do senhor e tinha nós pela rua. Bastião [pai biológico] nunca gastou por nós... E os nomes dos filhos de papai branco era o nome da gente também. Ele botou e nós se assina: Bilina de Araújo, Glicéria de Araújo. Os dele também têm Araújo; mas dele lá, filho de casal, e nós de criação...

Que quando ele morreu eu fiquei com 12 anos [...]. Aí mamãe botou nós tudo pra trabalhar porque não tinha mais papai pra dar. Papai dava de comer, de vestir, de tudo. Ele morreu, pronto.

O TRABALHO

Aí seguimos pra trabalhar. Mamãe disse que não podia tá dando de comer e de vestir a tanto filho e tudo pegou a trabalhar. Peguei a me empregar sendo ama de menino. O primeiro dinheiro que ganhei sendo ama de menino foi dois mil réis por mês. Depois a patroa ensinou a cozinhar, daí que quando aprendi fui queimar panela, ser cozinheira... Vendo que as coisa não tava boa, me chamaram pro Aracaju, fui me empregar no Aracaju ganhando dez mil réis por mês pra cozinhar. Passei ali uns anos e fui pro Rio de Janeiro. E lá fiquei. Passei três anos e nove meses no Rio de Janeiro.

A TAIEIRA, HERANÇA MATERNA

Tava lá quando mamãe ficou doente. Daí eu vim porque mamãe disse que não queria morrer sem que não me visse, mas quando eu cheguei, ela já tava enterrada.

[A mãe deixou-lhe a obrigação de realizar a Taieira como pagamento de promessa.]

O NAGÔ E A VIRGINDADE, IMPOSIÇÕES DO PAI DA COSTA

[...] mandaram dizer que eu viesse tomar conta do meu lugar que meu tempo já tava chegando... [Bilina era noiva].

No tempo da festa do inhame, quando nosso Pai da Costa desceu, me chamou e disse:

— *Minha filha, você vai casar?*

— *Vou.*

— *Quer casar?*

— *Quero.*

— *Não queira, não.*

Aí ainda disseram:

— *Não queira, não, minha filha, nosso Pai da Costa tá pedindo que você não case.*

— *Não. Eu caso.*

E o noivo fazia parte que era também neto de africano. E ficamos aguardando a decisão. E assim se passaram três anos. Sempre que o Pai da Costa descia, na época do Corte do Inhame, que é uma coisa de ciência, era a mesma coisa. E na terceira vez, ele ameaçou:

— *Se casar, ou morre ou não vive.*

E o noivo, que estava ali presente, disse:

— *Não vá atrás desse comedor de angu e de caruru, vamos tocar nosso casamento pra diante.*

[Mas o noivado foi desfeito, o enxoval vendido e a virgem dedicou-se ao culto dos orixás].

CONFIRMAÇÃO COMO CHEFE DE TERREIRO

Aí recebi o bastão [exó, símbolo da chefia] lá na casa de Ti Herculano e toquei o festejo pra diante, inté a data de hoje.



BILINA DE LARANJEIRAS: HERANÇAS DA ÁFRICA, VIVÊNCIAS NO BRASIL¹

.....

Beatriz Góis Dantas

Foi a Taieira que me levou a Laranjeiras em meados de 1969. Acompanhada por meu aluno Paulo, filho de Juca Leite, à época zelador da Igreja de São Benedito e reorganizador da irmandade homônima, fui apresentada a Bilina como a professora da Universidade que queria pesquisar a Taieira. Ela dirigia também o Nagô, nome com que denominava o seu centro de culto afro-brasileiro.

Residia na Rua da Alegria, tendo em frente um descampado onde existia um chafariz e uma lavanderia pública. Talvez por isso, às vezes, se referia à rua onde morava e onde tinha o terreiro como Rua da Cacimba. Localizada na periferia da cidade, essa área foi urbanizada nos meados da década de 80 e, em sua homenagem, passou a se chamar Rua Umbelina Araújo. Assim fora batizada a menina negra, filha de ex-escravos, nascida em Laranjeiras, no ano de 1879.² O sobrenome era da família do antigo senhor de sua mãe, Carolina ou Calu, que vivia na cidade como ama de leite. Neta de quatro avós africanos, mas criada na casa do tabelião Manuel Joaquim de Araújo, a quem chamava de Papai Branco, até os 12 anos de idade Bilina teve sua vida profundamente marcada por essas origens. Recebeu da mãe crioula o encargo de dar continuidade à Taieira, dança feita para louvar São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, enquanto da avó nagô recebeu a formação para dar continuidade à herança ancestral trazida da África: a religião dos orixás, o Nagô, como dizia.

Muito jovem assumiu a dupla obrigação e, por mais de meio século, levou-a à frente, ajustando-a às mudanças por que passava a sociedade local, mas sem abrir mão do que considerava a mais pura tradição africana.³

As origens familiares de Bilina prendiam-na a uma parentela de ex-escravos africanos e crioulos que redefiniam identidades e buscavam seu lugar na outrora rica cidade da zona açucareira que enfrentava os percalços da abolição da escravatura. As formas de solidariedade engendradas na velha ordem pareciam encontrar nas festas dos santos católicos e no culto aos orixás suportes para sociabilidades em que o lúdico se expressava nas danças e dramatizações populares que transitavam entre os terreiros e o culto aos santos pretos da Igreja Católica.

Os depoimentos de Bilina, confirmados por outros informantes, mostram seus familiares envolvidos nessas festividades cuja trama ajudavam a tecer, liderando grupos de devotos que através da dança expressavam suas crenças e sua fé. Sua mãe, Calu, era chefe da Taieira, encargo que recebera de antigas dirigentes e, como promessa, legou para a filha. Esta também assumiu a direção do Nagô ao qual se ligava pela avó materna, Isméra ou Birunqué (nome de origem), uma africana que atravessou o Atlântico tendo como companheiro de viagem Henrique, o fundador da religião dos nagôs em Laranjeiras.

Nagô é termo pelo qual eram conhecidos no Brasil povos de língua iorubá provenientes da Costa Ocidental da África, onde hoje se situam a Nigéria e o Benin (Dantas, 1988). Os ancestrais de Bilina eram nagôs e a tradição religiosa deixada por eles na cidade é hoje conhecida como “o Nagô”, maneira de diferenciar-se de outras formas de religião.

Além de fazer parte do grupo de culto, os homens da família de Bilina integravam folguedos que se apresentavam nas festas da cidade. Seus irmãos por parte de pai, Augusto e Mané Preto, brincavam na Chegança de Maxim, e estavam na direção quando esta foi entregue a Oscar. O pai, Bastião, também era dançador no mesmo grupo, assim como Zé da Carroça, que se dizia nascido no mesmo ano que sua prima Bilina. Nessa parentela de descendentes de ex-escravos, gerou-se uma cadeia de

compromissos e cumplicidades que se alongaram no tempo, persistindo com o apoio dos poderes públicos nas décadas de 30 e 40, quando a municipalidade desenvolveu políticas de recuperação do passado da cidade e apoio aos grupos folclóricos (Dantas, 2009a).

Bilina situava-se, portanto, num dos pontos de intersecção dessa ampla rede de parentes envolvidos com festas e brincadeiras, das quais guardava vivas lembranças que remontavam ao início da década de 1910, quando, depois de ter morado em Aracaju e no Rio de Janeiro, trabalhando em casas de famílias migradas de Laranjeiras, voltou à terra natal a fim de assumir a chefia da Taieira e do Nagô.

Meu interesse inicial pela Taieira (1969) teve continuidade com a investigação sobre o Nagô, iniciada em 1972, prolongando-se até a morte de Bilina, em 27 de setembro de 1974. Ao longo de cinco anos de pesquisa, entrevistei-a repetidas vezes, e, muito de perto, acompanhei a Taieira e o que se passava no terreiro Santa Bárbara Virgem.

Partiu de Bilina a sugestão para que eu pesquisasse o Nagô, desejo que eu acalentava há muito tempo, mas esbarrava na minha pouca familiaridade de então com religiões afro-brasileiras e no receio de que ela não acatasse a minha proposta. Era voz corrente que, ao contrário de outros chefes de culto, ela era muito reservada. Para minha surpresa, pouco depois de lhe entregar o livro recém-publicado sobre a Taieira (Dantas, 1972), que ela recebeu com manifesta expressão de contentamento (Dantas, 1995), perguntou-me se eu não queria escrever um livro sobre o Nagô.

Eu adquirira sua confiança, pois sempre respeitei os limites colocados por ela e, sobretudo, pela rigorosa ética a que me impunha como pesquisadora. Todavia, os protocolos da pesquisa lastreados em respeito mútuo não impediram que se estreitassem fortes laços de amizade e mútua cooperação, entrelaçando trajetos cognitivos e afetivos.

Ouvindo-a e observando a vida do terreiro e seus rituais, fiz um circunstanciado estudo etnográfico sobre o Centro de Culto Santa Bárbara Virgem, trabalho que permanece inédito (Dantas, 1976a). Muitos anos depois, essa pesquisa serviu de ponto de partida para outra investigação que resultou na

minha dissertação de mestrado, publicada como *Vovó Nagô e Papai Branco* (Dantas, 1988), livro que foi traduzido para o inglês com o título *Nagô Grandma & White Papa*, por iniciativa de uma universidade norte-americana (Dantas, 2009b).

Durante os longos anos de pesquisa, Bilina foi se revelando uma espécie de arquivo vivo da cidade. Seu trânsito constante entre os pobres e as elites locais, que na condição de mãe de santo ampliou durante a vida, sedimentando as experiências de infância, propiciaram-lhe um conhecimento da sociedade e da vida laranjeirense que, à época, não era comumente encontrado em pessoas do seu nível socioeconômico. Analfabeta, mas com apurado senso de observação e traquejo social adquirido na casa do Papai Branco e na vivência com antigos patrões com quem mantinha relações paternalistas permeadas de amizade, firmou-se em Laranjeiras como uma liderança religiosa respeitada, com trânsito junto a destacadas personalidades, como padre, professores, senhores de engenho, fazendeiros e políticos. Mas era entre a população pobre ou remediada que tinha mais penetração e de onde provinham os integrantes do seu grupo de culto, a Irmandade de Santa Bárbara Virgem, assim como muitas dançarinas da Taieira.

Consultada por muitos na hora das aflições que, indistintamente, atingem brancos e negros, ricos e pobres que buscavam, no terreiro, soluções para seus problemas, Bilina conhecia as filigranas da vida local do seu tempo e dos tempos passados. As histórias de famílias tradicionais da cidade eram do seu conhecimento, assim como as da gente simples e dos africanos de antigamente. Falava destes com riqueza de detalhes, declinando nomes, às vezes até o nome africano, local de morada na cidade, ocupação, linhagens, orixás protetores e fatos mais marcantes de suas vidas. Com alguns deles ainda convivera em Laranjeiras, mas de outros falava recontando histórias repassadas pelos mais velhos, relatos que eram partilhados por algumas pessoas de sua geração e com elas desapareceram.

Tinha uma memória prodigiosa e muitas das suas informações sobre africanos na cidade serviram de guia para a historiadora Sharyse Amaral (2012) localizar nos arquivos importantes documentos sobre escravos libertos em Laranjeiras.⁴

Com tranquilidade e segurança, falava sobre os cultos afro-brasileiros, sobre as brigas religiosas, as festas, as brincadeiras antigas e as do seu tempo, dos chefes que conheceu e dos quais ouviu falar, de algumas figuras mais emblemáticas, bem como da ascensão de outras. Comentava sobre a decadência da cidade e uma infinidade de coisas do cotidiano e da história da comunidade. Seus depoimentos, que gravei e guardei com zelo, são preciosos relatos sobre a vida de Laranjeiras, na ótica de quem viveu fazendo mediações entre os diferentes segmentos da sociedade local e no entrecruzamento de tradições culturais diversas.

Senhora dos segredos do culto nagô, que resguardava com zelo e revelava com parcimônia e sabedoria, usava por vezes da astúcia de tornar a fala indecifrável, quando não queria que a informação ficasse registrada, ou declarava com franqueza não falar sobre coisas que eram “segredos da obrigação”. Contudo, deixando fluir suas lembranças, Bilina permitiu-me fazer uma circunstanciada etnografia do terreiro, assim como registro documental de sons e imagens, tornando possível salvar do esquecimento memórias de Laranjeiras e de sua atuação como mediadora e mensageira da fé e do lúdico.

Na dupla condição de mãe de santo e de cabeça da Taieira, as palavras brincadeira e brinquedo eram frequentes em suas falas. Em relação à Taieira, dizia que era feita para louvar os santos da Igreja Católica, enquanto o Nagô era apresentado como devoção aos orixás. Referia-se às danças sagradas marcadas pelo transe e pela possessão dos santos da África, como muitas vezes se referia aos orixás, enfatizando a “pureza” do seu terreiro: “Os santos [orixás] vêm e brincam aí no meio de nós até o dia amanhecer. Mas a senhora pode passar a noite toda aí, que não vai ver nunca um caboclo descer. Eles não têm licença para brincar no meio de nós”. (Entrevista de Bilina, 1972).

Esse caráter lúdico das danças religiosas de matrizes africanas tem sido apontado por diversos pesquisadores (Bastide, 1971; Pierson, 1971). Brincam os santos (orixás) através do corpo dos seus fiéis. As danças sagradas, “brincadeiras de santo”, termo corrente no segmento afro-sergipano (Aguiar, 2008), eram assim

referidas também por Bilina, como atesta Felte Bezerra, antropólogo sergipano que realizou pesquisas em seu terreiro no início da década de 50 do século XX. Ao descrever uma “brincadeira” do Terreiro Santa Bárbara, grafou a palavra entre aspas, para mostrar que aquele era um termo nativo que opunha à categoria rito com que trabalhava para falar do corte do inhame (Bezerra, 1954), ritual de caráter agrário que, em conformidade com as pesquisas realizadas por mim um quarto de século depois, no mesmo local, marca o início do ano litúrgico do terreiro (Dantas, 1988).

Por seu turno, as dançarinas da Taieira brincavam no interior da Igreja de São Benedito, coroando rainhas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e, ajoelhadas, cantavam benditos, ofertavam flores aos santos católicos e dançando proclamavam: “tudo isso é louvor, tudo isso é louvar” (Dantas, 1972, 1976b).

Colocando-se no eixo de inserção de duas tradições culturais que não permaneceram estanques, Bilina viveu como boa católica e prestigiada mãe de santo, praticando a devoção e a diversão com tal maestria que suas brincadeiras se constituíam em eventos de louvação e fé, mas também em momentos de ludicidade marcados pelo riso, pela alegria e pela jocosidade, percebendo todas essas coisas como inseparáveis da condição humana.

Embora fosse muito comedida em expor a sua Taieira em eventos públicos, regendo as apresentações pelo cumprimento de um calendário específico (Dantas, 1972, 1976b, 1988), Bilina, com suas brincadeiras, ganhou fama e prestígio. A Taieira transformou-se em ícone do folclore sergipano. No final da década de 70 e início dos anos 80, a moda de encenar grupos de Taieira invadiu as escolas. Bilina, embora orgulhosa do seu brinquedo, agora documentado em livro, expressou-me a ambiguidade do revelar-se e divulgar um saber que era só seu. Numa das nossas longas conversas informais, expressou sua queixa, mais ou menos nos seguintes termos: “O livro da Taieira só teve de ruim uma coisa. Antes, só quem fazia Taieira era eu. Agora, todo mundo faz. Tem Taieira na escola. Todo dia tem gente aqui na porta pedindo pra ensinar uma coisa”. Tentei explicar a diferença entre seu saber vivência e

o aproveitamento do folclore por grupos letrados e tocamos para frente o projeto de estudar o Nagô (Dantas, 1995).

A Taieira de Bilina foi objeto de filmagens da Rede Globo, na década de 70, reprisando o feito da década anterior, quando figurou no plano nacional com imagens do seu folguedo, num documentário oficial intitulado *Danças e Festas do Brasil*. Providenciei também curtas filmagens e ampla documentação fotográfica e sonora dos rituais realizados sob a direção de Bilina, pouco antes da sua morte.⁵

Bilina teve reconhecimento nacional e seu nome foi incluído em publicação renomada intitulada *Mulheres Negras do Brasil*, figurando ao lado de mães de santo famosas (Schumacher; Brazil, 2007). Objetos do seu terreiro despertaram interesse de estudiosos da arte afro-brasileira e foram incluídas na *História Geral da Arte no Brasil*, em capítulo que analisa a estatuária afro-brasileira (Cunha, 1983). Aparece também em várias referências bibliográficas através das obras que tratam de sua atuação em Sergipe. No plano local gozava de grande prestígio e sua morte foi muito pranteada (Dantas, 1974). Morreu antes que se iniciasse o Encontro Cultural de Laranjeiras, evento prestes a completar 50 anos e que projetou as expressões culturais laranjeirenses para além das fronteiras estaduais. Mas sua presença é sempre lembrada nos simpósios e na festa através da Taieira apresentada por suas sucessoras. Tornou-se nome de rua na cidade e o poder público refez seu túmulo recentemente.

Além de pessoa de fino trato, mãe Bilina era uma liderança carismática e tradicional no sentido weberiano. Senhora de si e do seu saber, orgulhosa de suas origens, com um imenso senso de realidade e segurança, conduziu com dignidade, sabedoria e firmeza o Nagô e a Taieira pelos meandros da sociedade laranjeirense por mais de meio século.

Morreu em setembro de 1974 e, depois de algumas questões sobre sua sucessão, a Taieira e o Nagô persistiram sob a chefia de uma mesma pessoa: Lourdes Santos, sua afilhada que esteve à frente dos dois grupos até 2002, quando faleceu. Mais uma vez eclodem problemas de sucessão (Ribeiro, 2003). Então, Bárbara Cristina Santos, filha de criação de Lourdes, torna-se dirigente dos dois grupos,

com forte apoio de Maria do Espírito Santo, conhecida como Ciza. Esta, por sua vez, é descendente de Herculano da Comandaroba, o africano a quem Bilina substituíra na direção do Nagô, dando continuidade à tradição religiosa implantada em Laranjeiras pelo africano Henrique, que aí aportou em meados do século XIX, num grupo de escravos da etnia nagô.

Bilina fez a passagem das lideranças religiosas africanas para os crioulos e, durante sua longa existência, empenhou-se em dar continuidade às heranças recebidas dos seus ancestrais, que no entrecruzamento de tradições culturais diversas foram reinterpretadas em consonância com suas experiências e vivências no Brasil.

NOTAS

1 Versão preliminar e reduzida deste texto foi publicada em *Mensageiros do Lúdico* (Dantas, 2013; 2. ed, 2022).

2 Embora comemorasse seu aniversário em 21 de agosto, Bilina não sabia o ano exato em que nascera. Mas insistia em afirmar que não conhecera a escravidão. Nascera de mãe liberta, hoje se sabe que em 1879, conforme registro de batismo recentemente localizado por Maria da Conceição Bezerra Santos Sobrinha (2023).

3 Dados biográficos mais detalhados sobre Bilina e informações sobre a Taieira e o seu terreiro encontram-se em Dantas (1972, 1976b, 1988). Ver a recente biografia escrita por Santos Sobrinha (2023), com edição no prelo pela Seduc.

4 A historiadora Sharyse Amaral (2012) chama atenção para a precisão das informações orais de Bilina quando confrontadas com documentos de cartórios por ela consultados no Arquivo do Judiciário de Sergipe e para a importância da história oral como guia na pesquisa de fontes escritas armazenadas em arquivos.

5 Em 1970, quando eu dirigia o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH/SEC), Vinicius Dantas, sob minha orientação, filmou a Taieira de Bilina numa festa religiosa em Riachuelo. O filme em super 8 ficou arquivado no Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico/SEC e dele não se tem mais notícias. Em 1973,

através da UFS e sob minha orientação, Jairo Andrade filmou em super 8 um curto documentário sobre a Taieira e alguns rituais do Nagô em 16mm. Essas imagens foram tratadas e digitalizadas em 2012 pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) no Rio de Janeiro e fazem parte do acervo da UFS. Também foram incorporadas ao vídeo *Uma Lufada de Ar Fresco* (2022), dirigido por Maria Laura Cavalcanti. No Museu do Homem Sergipano (MUHSE/UFS), desativado desde 2013, foi depositada a documentação fotográfica realizada por mim e por Jairo Andrade em 1973. No Memorial de Sergipe encontra-se o acervo fotográfico de Lineu Lins de Carvalho, incluindo fotos da Taieira. Quanto ao filme sobre a Taieira realizado na década de 60, tive acesso a uma cópia muito precária através de Bárbara, atual dirigente do grupo, que o recebeu de uma pessoa do Rio de Janeiro em anos recentes. Não sei informar o destino das filmagens realizadas pela TV Globo, na década de 70. Consta que a equipe vinda do Rio de Janeiro para fazer a cobertura da festa de São Benedito sofreu um desastre no retorno de sua viagem, fato que teve repercussão entre as camadas populares de Laranjeiras (Dantas, 1995). Ainda na década de 70, Djaldino Moreno filmou a Taieira já sob a chefia de Lourdes. Estes são registros mais antigos de imagens que se multiplicam incontrolavelmente com as facilidades da tecnologia digital.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaína Couvo Teixeira. *Brincadeiras de santo: uma contribuição à história dos antigos cultos afro-brasileiros em Aracaju-SE (1920-1960)*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2008.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe 1860-1900*. Aracaju: Editora do Diário Oficial/EDUFBA, 2012.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações das civilizações*. 2v. São Paulo: Pioneira/USP, 1971 [1960].

BEZERRA, Felte. Notas sobre um folguedo em Aracaju. *Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore*. Florianópolis, v. 5, n. 17-19, p. 48-52, 1954.

CUNHA, Mariano Carneiro da. Arte Afro-brasileira, v. II. In: ZANINI, Walter (Org.) *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. p. 973-1033.

DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972; 2. ed., Aracaju: UFS/IHGSE, 2013; 3. ed., Aracaju: Seduc, 2022.

DANTAS, Beatriz Góis. Bilina de Laranjeiras. *Jornal da Cidade*, Aracaju, 06-07 de out. 1974.

DANTAS, Beatriz Góis. *Estudo de um grupo de culto afro-brasileiro da cidade de Laranjeiras/ SE*. Relatório de pesquisa. Documento datilografado. 1976a.

DANTAS, Beatriz Góis. *Taieira*. *Caderno de Folclore n. 4*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (MEC-DAC-FUNARTE), 1976b.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DANTAS, Beatriz Góis. Projeção e religiosidade: entre a forma e o significado. In: Encontro Cultural de Laranjeiras, 20, Laranjeiras/SE, *Anais...* Aracaju, Secretaria de Cultura, 1995. p. 39-51.

DANTAS, Beatriz Góis. Laranjeiras, entre o passado e o presente. In: NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da (Org.). *O despertar da colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*, v. II. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009a. p.181-199.

DANTAS, Beatriz Góis. *Nagô Grandma & White Papa: Candomblé and the creation of afro-brazilian identity*. Translated by Stephen Berg. The University of North Carolina Press, 2009b.

DANTAS, Beatriz Góis. *Mensageiros do lúdico, mestres de brincadeiras em Laranjeiras*. Aracaju: Criação, 2013; 2. ed., Aracaju: Seduc, 2022.

PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. São Paulo: Ed. Nacional, 1971 [1942].

RIBEIRO, Hugo Leonardo. *Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista*. 2003. 197 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SANTOS SOBRINHA, Maria da Conceição Bezerra dos. A trajetória de “Mãe Bilina” de Laranjeiras (1879-1974). “Nasci pra ser dona das colônias da Santa Bárbara”. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2023.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

AS EXPOSIÇÕES SOBRE D. BILINA

Verônica Nunes

As exposições são processos comunicacionais associados à divulgação da informação, sejam elas sobre o conhecimento científico, o patrimônio cultural ou outra área da produção humana. O projeto expositivo foi a forma escolhida pela antropóloga e professora emérita da Universidade Federal de Sergipe, Beatriz Góis Dantas, para a difusão da sua produção antropológica, em cujo espectro se destacam os estudos e pesquisas sobre o Terreiro Santa Bárbara Virgem, nas suas vertentes: o nagô, isto é, a herança africana; e a taieira, o festejo do catolicismo popular que reúne as heranças africana e católica.

O cenário das pesquisas é a rua da Cacimba, depois rua da Alegria e atual rua Umbelina Araújo, na cidade de Laranjeiras.

Laranjeiras, na trajetória da sua formação histórica de povoação, vila e cidade, guarda em seus monumentos e em suas ruas, becos, praças as memórias e vivências de gerações que por elas caminharam, deixando seus sinais e suas marcas. Laranjeiras, devotada ao Sagrado Coração de Jesus, tem em seu território do sagrado espaço para as crenças trazidas na bagagem cultural dos africanos que para essa localidade foram trazidos e que proporcionou a mistura e a memória que oferecem espaço para a musealização, na medida em que a construção da memória interessa aos pesquisadores. E a memória e a oralidade foram os fios condutores das pesquisas sobre D. Bilina (Umbelina Araújo).

Como afirma Pinheiro (2004), ao lado da emergência da memória, tão importante como testemunho das rotinas necessárias para a sobrevivência étnica de um grupo, verifica-se a necessidade de a memória coletiva continuar a se desenvolver no âmbito social, político, histórico e tecnológico (Pinheiro, 2004, p. 92).

É essa emergência da memória que a antropóloga Beatriz Góis Dantas transforma em publicações (livros e artigos) e são geradoras de exposições nas quais a fotografia é o objeto museológico produzido durante a pesquisa e proporcionam a elaboração das exposições.

Bernardo da Cunha (2010, p. 110) destaca que “Expor é revelar, evidenciar elementos que se desejam explicitar [...]” e isso é o que as exposições sobre D. Bilina transmitem: a mulher, que porta suas insígnias de mãe de santo, herdeira das tradições e heranças afro-católicas na liderança de um terreiro de ancestralidade nagô.

Da aprendizagem das aulas da disciplina Antropologia Brasileira, ministrada pela profa. Beatriz Góis Dantas, à atividade prática em uma noite do mês de setembro de 1972, para assistir ao festejo do “Corte do Inhame”, às discussões e preparações das exposições, desenvolveu-se o processo da comunicação museológica e do ponto de vista pessoal o aprendizado de transformar pesquisas em exposições.

As exposições temáticas sobre D. Bilina são o “Nagô de Bilina” e a “Taieira”

O “Nagô de Bilina” é fruto das pesquisas sobre o Terreiro Santa Bárbara Virgem e sua *lôxa* que resultou na dissertação de mestrado e depois no livro *Vovó nagô e Papai branco* que teve sua primeira montagem na Galeria Jordão de Oliveira, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe em 1986. Posteriormente seguiu itinerando em outros espaços (instituições educacionais, museu).

Durante a realização do Curso de Museologia, promovido pelo Departamento de Biologia/UFS, coordenado pelo prof. dr. José Arnaldo Vasconcelos Palmeira e ministrado pela museóloga dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, *O Nagô de Bilina* foi revisitado na fase do curso denominado “Etapas para a elaboração de uma exposição”, na qual os alunos matriculados no curso foram organizados em equipes e distribuídas as tarefas que envolvem a elaboração de uma exposição (tema, seleção de objetos, mobiliário expositivo, iluminação, elementos gráficos, material de divulgação, sinalização), que culminou com a sua montagem em uma sala do edifício do Sesi, em São Cristóvão, durante o Festival de Arte de São Cristóvão (Fasc) em setembro de 1988.

É interessante destacar que nessa época já existia o Museu de Antropologia (MUSA/UFS), entretanto não tinha sede e a exposição nessa época não estava vinculada ao museu, o que ocorreu posteriormente com a definição do espaço museológico, no qual diversas vezes foi instalada como exposição temporária.

A exposição sobre a “Taieira de Sergipe” foi elaborada pela equipe do Museu do Homem Sergipano (antigo Museu de Antropologia) para celebrar os 30 anos (1972-2002) da publicação do livro *A Taieira de Sergipe*. A exposição proporcionou a leitura do livro pelos discentes que eram estagiários do museu, seleção de fotografias e objetos – cestas, bastões, chapéus, ganzá (*querequexés*), indumentárias, e as imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, emprestadas pelo Museu de Arte Sacra de Laranjeiras, que serviram para a montagem do cenário: o retábulo do altar no qual foram colocadas as imagens, seguindo um dos cantos: “tudo isso é louvor, tudo isso é louvar”. Durante a montagem um elemento que se destacou foi o São Benedito pelo fato de que em uma de suas mãos existiam flores e sobre elas o Menino Jesus, evidenciando a relação dos cantos com o santo da devoção das taieiras.

Essas exposições são exemplos de como as pesquisas foram transformadas em linguagens expológica e expográfica, aproximando o tema de um público mais diversificado que teve acesso a informações científicas que proporcionaram um maior conhecimento dos fazeres acadêmicos sobre religiosidade e danças folclóricas.

O aprendizado com a antropóloga Beatriz Góis Dantas é o de que é necessário devolver os resultados da pesquisa à comunidade de onde se “sequestrou” as informações e, nesse sentido, as exposições são linguagens potenciais de interação com o público, pois são “veículo de disseminação” do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BERNARDO DA CUNHA, Marcelo. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. *Revista Magistro*, v. 1, n.1, 2010, p.109-120. Disponível em: www.unigranrio.br . Acesso em 20.03.2011.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Herança cultural: as possibilidades do tratamento museológico*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1987.

_____ e ARAÚJO, Marcelo Mattos. Exposição museológica: uma linguagem para o futuro. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: Secretaria da Cultura; Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, n. 2, dez. 1989, p. 12-17.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caminhos da memória: para fazer uma exposição/ pesquisa e elaboração do texto*: Kátia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. SUPERINTENDÊNCIA DE SERGIPE. *Casa de Ti Herculano*. Lugar nagô em Laranjeiras. Aracaju: Infographics Ltda., 2011.

NUNES, Verônica. Do IHGSE à UFS: construção de fazeres museológicas em Sergipe. In: NUNES, Verônica e NOGUEIRA, Adriana (Orgs.). *O Despertar do Conhecimento na Colina Azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. São Cristóvão; UFS, 2008, p. 115-133.

PINHEIRO, Marcos José. *Museus, Memória e esquecimento – Um projeto de modernidade*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

FOTOETNOGRAFIA DA TAIEIRA

TAIEIRA

Tributária do reinado dos congos, difundidos no Brasil durante a Colônia e o Império com o suporte das irmandades negras, a Taieira, enquanto uma dança cortejo de coroação de reis nas igrejas, perdeu espaço com o avanço da romanização. Assim, desapareceu em muitos lugares, persistiu em outros, adequando-se às novas realidades.

Sob a liderança de Bilina, a Taieira de Laranjeiras encontrou no terreiro Nagô um nicho de apoio e continuidade em constante interação e diálogo com as forças sociais locais. Desse modo, é possível ver a atual Taieira de Laranjeiras como expressão cultural, que – transitando entre o sagrado e profano, o terreiro e a igreja, a casa e a rua, os ricos e os pobres –, combina a devoção e a diversão, fazendo pontes entre o Brasil e a África, mediações que se expressam em seus cantos.

Bilina, dirigente da Taieira, cumprindo promessa herdada da mãe

Transitando entre o terreiro, a igreja e a rua, a Taieira associa a devoção e a diversão. As cantigas, ao tempo em que tratam de temas do passado e do presente, mostram a alternância entre o sagrado e profano.

*Copacabana ainda não morreu
Na rua da Cacimba
Quem manda sou eu*

*Ô cotia macamba, a lê lê
A fazer maravilha
Na porta do Rosário
Do Rosário de Maria*





Foto: Beatriz Góis Dantas

Cortejo em direção à Igreja de São Benedito

Pelas ruas, enquanto se deslocam, entoam cantos com temas diversos.

*Ô estrela, estrela
Ô estrela do céu
Ô caiu no mar
A minha Virgem do Rosário
Vamos todos festejar*

*Olhe o rio fundo
Ou rema a canoa
Chegue na jinela, amor, meu bem
Que a crioula é boa*

Louvação a Iemanjá

No porto, às margens do rio Cotinguiaba, cantam e dançam em círculo, numa discreta homenagem a Iemanjá, orixá das águas.

*Em porto chegamos
Com passos largos para marchar
Essas marchas tão marchadas
As saudades que eu padeço
Vamos marchando e nos arretirando*



Foto: Beatriz Góis Dantas



Foto: Beatriz Góis Dantas

A Taieira na rua emoldurada pelo casario antigo

Entre o sagrado e o profano, os santos se misturaram com ações do cotidiano das sinhás.

*Lá vai lá vai meu São Benedito
Lá se vai a linha do sertão
Lá vai lá vai mãe de Deus do Rosário
Lá vai lá vai São Gonçalo Garcia
O que leva a agulha leva o dedal
Aprega o colchete para acochar
A tesoura fina para bordar
Um cordão de ouro para Yayá
Se Yayá me deu também apanhou
Mas ela me deu mode o palitô
A prumode a Guarda Nacional
Yayá me deu mode seu doutor
Ai Yayá vai embora leve o palitô
Ô ela me deu também apanhou
Pamparu, pamparu candieiro Yayá
Pamparu, pamparu candieiro Sinhá*

A realeza do Rosário na retaguarda do cortejo

Acompanhadas de seus auxiliares e amparadas por sombrinhas, seguem as rainhas com coroa e cetro, este encimado por buquê de flores, cuja simbologia evoca São Benedito.

São Benedito era escravo, ajudante de cozinheiro, e distribuía com os pobres a comida da mesa do seu senhor. Surpreendido, quando dentro de um pote levava a comida surrupiada, mentiu dizendo que no pote levava flores. O senhor foi verificar e encontrou flores.

No cetro das rainhas, as flores rememoram o milagre do santo negro. (Versão apresentada por Bilina).



Foto: Beatriz Góis Dantas



Foto: Beatriz Góis Dantas

Na porta da Igreja de São Benedito

Os cantos apregoam a sacralidade do espaço e as intenções das dançarinas.

*Deus vos salva casa santa
Onde Deus fez a morada,
Onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada*

*Entremos viemos com nosso bendito
Viemos louvar o meu São Benedito
Entremos viemos com nosso rosário
Viemos adorar Mãe de Deus do Rosário*

*Entremos, entremos com muita alegria
Viemos, entremos com muita alegria
Viemos louvar o Menino Messia
Viemos adorar o Menino Messia*

Rainhas, ministro e capacete

A realeza, em destaque ao lado do altar, assiste a missa em louvor aos santos protetores.

*Catirina mubamba mandou me chamar
Louvor em terra louvor no mar
Mãe de Deus do Rosário nos queira ajudar
Ô meu São Benedito nos queira ajudar
Catirina de Congo de Congoriá
A rainha de Congo de Congoriá
A rainha de Congo mandou me chamar
Isto tudo é louvor, isto tudo é louvar*



Foto: Beatriz Góis Dantas



Foto: Lineu Lins

Coroação das Rainhas, momento culminante da apresentação das Taieiras

A coroa de prata de Nossa Senhora do Rosário, por alguns segundos, é pousada na cabeça das rainhas, num ritual que evoca os antigos Reis de Congo, reinterpretados como Rainhas do Rosário.

A coroação anual realizada pelo padre após a missa é um ritual carregado de simbolismo em que o silêncio e o respeito atestam a solenidade do momento e renovam compromissos, estreitando vínculos entre os devotos e os santos.

*Ô seu pade vigáro
Me mandou me chamar
Ô por sobe lá cadeira
Me mandou assentar*

Contrição e reverência

Ajoelhadas diante do altar, as Taieiras reverenciam São Benedito e cantam enquanto brandem os *querequexés* em ritmo lento.

*Senhor São Benedito, taiê
São Benedito valei-me
Aqui está sua devota taieira
Com sua devoça estarei*



Foto: Beatriz Góis Dantas



Foto: Lineu Lins

Danças no templo

Sob o comando das contra-guias e do tocador de tambor se iniciam as danças no interior do templo.

*Ô meu São Benedito ô lê lê
Eu não quero mais c'roa
Quero uma tuaia ô lê lê
Enfeitada em Lisboa*

*Ô Virgem do Rosário ô lê lê
Eu lhe venho contar
Saúde e gulora ô lê lê
Para nós festejar*

Oferta de flores

Ao som de cantos alegres e de danças, depositam flores no altar.

*Ô meu São Benedito
Tenho morro ao vento
Fulô e o vento
Pela porta adentro
Taiê Ajuê Ajuê Jesus
Ou tan tan tan taiê*

*Virgem do Rosário
Vigiai as taieiras
Que no vosso dia
Não façam as asneiras*



Foto: Lineu Lins



Foto: Lineu Lins

Dançam terçando as varetas

Livres das flores que traziam nas cestinhas, as dançarinas empunham as varetas que ganham destaque nas danças conhecidas como combate.

*Guia com guia
Saia um desafio
Hoje no terreiro
Da Virgem Maria*

*Taiê ajuê ajuê Jesus
Ou tan tan taiê*

*Ô que belo terreiro
Ô pra um desafio
Ô pra s'encontrar
A sua contra-guia*

Visão geral do templo em festa

No interior do templo, cuja construção se iniciou no século XIX, os altares, as imagens dos santos e a louvação das Taieiras compõem um espetáculo de fé que atrai público mais amplo.

*Virgem do Rosário
Senhora do mundo
Dá-me um coco d'água
Senão vou ao fundo*

*Virgem do Rosário
Soberana bela
Ac'roai as Taieiras
De coroa e capela*





Foto: Lineu Lins

Deixando a Igreja, voltando às ruas

Durante o dia, além de visitar presépios onde louvam o Menino Messias, as Taieiras dançam pelas ruas, visitam casas de autoridades, amigos e pessoas que contribuíram com a festa.

*Quando nesta casa entrei
Logo me cheirou a rosa
Meu coração logo viu
Que aqui tem gente formosa*

*Essa casa cheira a cravo
Por dentro por fora não
Por dentro cravo e rosa
Por fora manjericão.*

A Rainha com sua coroa de papelão

Ao deixar a Igreja, as rainhas perdem o protagonismo. Contrastando com o ar grave e solene da coroação, acompanham as dançarinas em seus deslocamentos pela cidade. São figuras quase esquecidas e as cantigas que a elas se referem evocam situações do passado com certa ironia.

*E ô senhora rainha
Rabo de tainha
Ah! Hoje tá na sala
Amanhã na cozinha*

*Ô me toque o tambaque
Ô meu pai tambaqueiro
Que a nossa rainha
Tem muito dinheiro*

À tarde, enfeitando o cortejo da Taieiras, acompanham a procissão. Têm compromissos e obrigações com Nossa Senhora do Rosário e, no próximo ano, comparecerão à igreja para nova coroação.

Foto: Lineu Lins





Foto: Beatriz Góis Dantas

Procissão, mais um rito de devoção

Aos sons da filarmônica e de cantos de igreja, as Taieiras acompanham a procissão em silêncio. Sua presença fala mais alto nesse ato de fé e devoção.

A procissão é tema de cantigas repetidas durante o dia, em vários espaços.

*Que santo é quêle
Que vem na charola
É São Benedito
Mais Nossa Senhora*

*Que santo é quêle
Que vem no andor
É São Benedito
Mais Nosso Senhor*

Desse modo, a Taieira de Laranjeiras se mantém no contexto da Festa de Reis, com seus códigos e sua vinculação orgânica com a sociedade local, enquanto convive com outras demandas da contemporaneidade.

FOTOETNOGRAFIA DO NAGÔ

O NAGÔ

Este termo nomeia uma unidade de culto afro-brasileiro fundada em Laranjeiras no século XIX, por africanos escravizados de fala iorubá, provenientes da Costa Ocidental da África. No primeiro quartel do século XX, com a morte dos africanos, a chefia do grupo passou por mudanças: foi ocupada por uma mulher crioula, que orgulhosamente declarava ser descendente de quatro avós africanos.

Bilina assume a chefia da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, como denominava seu grupo de culto, no declínio que atinge Laranjeiras após a abolição da escravatura, e os descendentes de africanos procuravam formas de inserção na nova sociedade. Enquanto muitos migravam buscando em outras terras melhores condições de vida e assim rompiam com os laços de origem, Bilina retornou à terra natal e empenhou-se em preservá-los.

Sua história de vida é marcada por duas figuras centrais: a avó nagô que cultivava as tradições religiosas trazidas da África, e o Papai Branco, um tabelião, antigo senhor de sua mãe que criou os filhos da crioula alforriada junto com seus filhos. Até os 12 anos, a vida de Bilina girou entre esses dois polos de influências advindas de tradições culturais diversas.

Estas marcas, ampliadas ao longo da vida, configuram sua visão de mundo, o sistema de crenças e as práticas rituais nas quais são visíveis influências católicas permeando as heranças africanas e suas vivências no Brasil.

Bilina com suas insígnias de chefia

Como dirigente do Terreiro Santa Bárbara Virgem, Bilina recebia o título de *Alôxa* ou *Lôxa*. Nos rituais apresentava-se com o bastão de comando (*exó*), símbolo africano da chefia, e a espada (*dogun*), que evoca Ogun, orixá do ferro, e a tradição católica de Santa Bárbara, patrona do Terreiro.

Foto: Jairo Andrade





Foto: Jairo Andrade

Sede do Terreiro de Santa Bárbara

Localizado na antiga Rua da Alegria, número 4. Após sua morte, a área foi urbanizada e o logradouro recebeu o nome de Rua Umbelina Araújo. O imóvel é residência e sede do centro de culto. No leito da rua, em frente à casa, ergue-se uma provisória cobertura de palha (*latada*) onde se realizam as danças sagradas.

Ritual de abertura do ciclo de festas

Realizado do lado de fora do terreiro, é um rito de purificação dos fiéis pela ingestão de água das quartinhas colocadas junto aos orixás. Marca a fronteira entre o mundo profano, de onde procedem os membros da irmandade, e o território sagrado, onde ingressam os corpos purificados.



Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade

Agô

Purificação dos fiéis, renovação das forças sagradas e pedido de licença aos orixás para dar início aos festejos.

Instrumentos sagrados

Tambores (*ilus*) e cabaças (*aguês*) chamam os orixás para dançar no corpo dos seus fiéis e, desse modo, estabelecem a comunicação entre os deuses e os homens. Além da divisão sexual no acesso aos instrumentos, estes são hierarquizados: os toques são iniciados sempre pelo tambor e pela cabaça mestra, de acesso restrito a certas pessoas.



Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade

A Roda das virgens

No terreiro Santa Bárbara Virgem exige-se virgindade da sua sacerdotisa. As virgens desempenham algumas funções específicas e têm precedência nas danças rituais, sendo identificadas visualmente pelo modo especial de arrumar o pano que recobre a cabeça e se alonga pelas costas.

Transmitindo heranças

A presença de crianças nas danças rituais é uma característica do Nagô, uma vertente religiosa em que o culto doméstico aos orixás encontra na família um suporte de transmissão de heranças de “santos” e continuidade da tradição.



Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade

A mãe de santo dançando para os orixás

Enquanto Bilina dança com seu bastão e xale especial, os fiéis e a assistência se mantêm de pé em sinal de respeito.

A cozinha dos deuses

Comida para os orixás sendo preparada por especialistas com grãos e animais ofertados em sacrifício às divindades. Na cosmogonia dos cultos afro-brasileiros, os sacrifícios de animais e outras oferendas fazem parte da dinâmica da vida e renovação do *axé*.



Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade

Comida para os orixás, comida para os homens

Comer é implementar o *axé*, força vital, energia que une, na mesma teia de relações, espaços sagrados, objetos rituais, fiéis e orixás, preenchendo de sentidos as práticas e a vida religiosa. É preciso alimentar os deuses, renovar-lhes as forças e, por essa forma, aumentar a força espiritual dos fiéis, num grande movimento de renovação cósmica.

Baixou o santo

O transe sagrado, momento em que o fiel incorpora o orixá em seu corpo, é expressão maior da presença do sagrado entre os homens. Reverência e respeito marcam as ajudas de membros da irmandade ao irmão que, naquele momento supremo, recebe a divindade.



Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade

Adiborô pegan

Rito de inspiração agrária, o *adiborô pegan* mimetiza o trabalho com enxada de cabo curto usada entre povos da Costa Ocidental da África para cultivar o inhame, alimento básico na região e marcador dos calendários rituais. No Nagô laranjeirense, as festas se iniciam em setembro, época da colheita do inhame, que, depois de ofertado aos deuses, é liberado para o consumo dos fiéis.

Dançando com enxada para ensinar a trabalhar

[...] é pra ensinar a trabalhar. Trabalhar até não poder mais. Dos meninos aos grandes. Trabalhar. Viver sempre trabalhando. Só pedir quando não puder mais.



Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade

Ferequim, as representações do sagrado no meio dos homens

Pequena procissão em que os objetos sagrados são levados para o local onde se realizam as danças. O cortejo se desloca precedido por um pálio (*toalha*) sob a qual se abrigam alguns dos objetos mais reverenciados: escultura de Oiá e um quadro de Santa Bárbara Virgem.

Pluralidade de símbolos

Objetos diversos, como cruz, bastões antigos, imagens de santos católicos, insígnias de orixás (machados de Xangô, dentre outros), são conduzidos por mulheres virgens e por crianças, envoltos em panos que evitam o contato direto das mãos com os objetos sagrados.

Foto: Jairo Andrade



Foto: Jairo Andrade





Foto: Allan Rodrigo

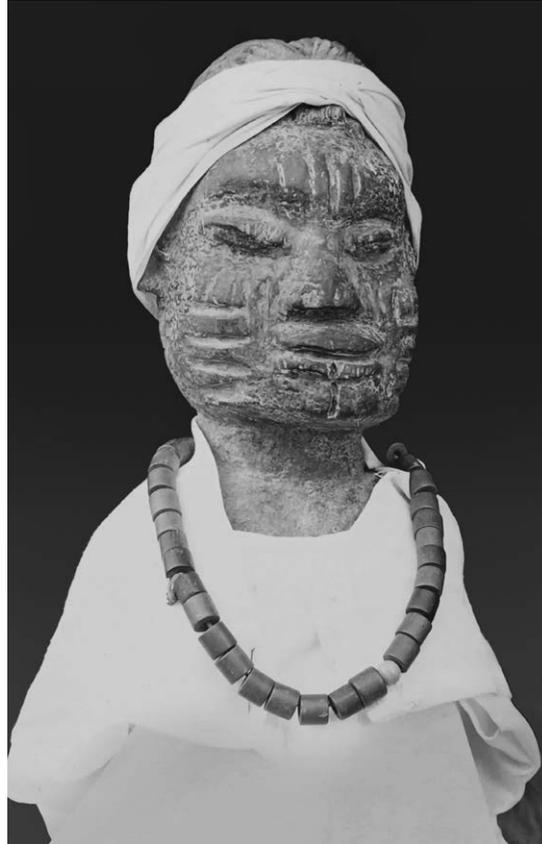


Foto: Marcel Gautherot. In: Cunha, 1983.

Santa Bárbara Virgem e Iansã

A litogravura de Santa Bárbara Virgem, patrona do terreiro, representada com cálice, palma e espada, e a escultura em madeira de Iansã, orixá africana com sinais étnicos, condensam histórias e memórias, reforçam ritos, mitos, crenças e fé que se atualizam e renovam as heranças da África e as vivências no Brasil.

Pesquisadora com Bilina

Durante cinco anos, como pesquisadora, acompanhei a vida de Bilina. Ela percebeu a importância do patrimônio cultural de que era portadora e guardiã, me acatou com o meu querer saber para estudo, diferente do seu saber vivência, confiou em mim e me deu acesso ao seu mundo, que estudei e divulguei, respeitando os limites da ética na ciência e na relação construída com as pessoas que pesquisava. Sua presença marcou minha vida, entrelaçando trajetos cognitivos e afetivos. Minhas homenagens e reconhecimento a Bilina de Laranjeiras.

Foto: Jairo Andrade



A AUTORA



Beatriz Góis Dantas nasceu em Lagarto (SE) em 1941. Graduada em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e mestra em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/SP), é pesquisadora nas áreas de religiões afro-brasileiras, etno-história indígena, cultura popular e patrimônio imaterial, com trabalhos publicados em revistas especializadas e livros de autoria coletiva e individual. Dentre estes, *A Taieira de Sergipe* (1972) e o hoje clássico *Vovó Nagô e Papai Branco* (1988), com edição em inglês em 2009: *Nagô Grandma and White Papa* (North Carolina Press). É professora emérita da Universidade Federal de Sergipe, instituição na qual desenvolveu sua vida acadêmica no ensino, na pesquisa e na extensão. Foi agraciada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais com o Prêmio Anpocs de Excelência Acadêmica Gilberto Velho em Antropologia no ano de 2023. Implantou e dirigiu o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico do Estado de Sergipe em 1970, dando início à reorganização do Arquivo Público Estadual. É membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Academia Lagartense de Letras.

Este livro traz a marca da gratidão e do reconhecimento. Ele é uma homenagem a Bilina de Laranjeiras, uma mãe de santo, termo que entre nós designa dirigente feminina de unidades de culto afro-brasileiro. Nesta função, ela se aut nomeava Alôxa ou Lôxa, forma abreviada de Yalorixá, termo iorubá com que se designam as sacerdotisas do Nagô. O título pouco importa. Mesmo porque também era conhecida como a dona da Taieira, ou seja, dirigente de um grupo de louvação a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que se apresentava todos os anos, conduzindo rainhas para serem coroadas pelo padre após a solene missa da festa de Reis naquela cidade. Depois de ter escrito e publicado algumas obras sobre os seus fazeres e sua história de vida, elegi algumas fotos para fazer-lhe essa homenagem. Minha intenção é trazer a público esses registros de pesquisa e da minha relação com Bilina, homenageando-a com uma fotoetnografia da Taieira e do Nagô.

